

Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria.
Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.



FÁTIMA E LEIRIA

EM 12 E 13 DE AGOSTO COSTUMA REALIZAR-SE A PEREGRINAÇÃO DA DIOCESE DE LEIRIA. ESTE ANO SERÁ A DIOCESE OFICIALMENTE CONSAGRADA AO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA

PROGRAMA

Dia 12 — Chegada das peregrinações das freguesias entrando logo no Santuário, cantando e fazendo as suas orações em comum.

A tardinha — Reúnem-se todos os peregrinos, agrupados por freguesias e com as suas bandeiras junto do portão principal, fazendo a entrada solene presidida por Sua Excelência Rev.^{ma} o Senhor Bispo de Leiria.

As 22 horas e meia — Têrço em comum seguido da procissão das velas.

A meia noite — Exposição do S.S.^{mo} Sacramento. Adoração nocturna com pregação.

Dia 13 — **Às 6 1/2 horas** — Encerramento do S.S.^{mo} Sacramento.

7 horas — Missa dialogada e comunhão geral.

9 horas — Almôço às crianças que tomarem parte no Dia do Catecismo.

10 horas — Disputa do Prémio Diocesano do Catecismo, perante o Ex.^{mo} Prelado.

11 1/2 — Côro falado por tôda a Acção Católica da Diocese.

12 — Têrço na Capelinha das Aparições seguido de procissão com a imagem de Nossa Senhora, missa e alocução.

Depois da missa — Exposição do S.S.^{mo} Sacramento — Consagração da Diocese ao Imaculado Coração de Maria — Bênção do S.S.^{mo} Sacramento aos doentes e peregrinos — Adeus a Nossa Senhora.

OBSERVAÇÕES

As pessoas que tomarem parte na peregrinação devem:

1.º — Confessar-se antes, lembrando-se que não haverá na Fátima sacerdotes para atender a todos, tanto mais que é domingo.

2.º — Dar com antecedência os nomes aos Revs. Párcos, cujas indicações seguirão.

3.º — Durante o caminho, rezar o Rosário, entoar cânticos, ajudar os mais velhos, fracos ou crianças, visitar o Santíssimo Sacramento, passando por alguma igreja e, os que seguirem pela estrada que tem os Cruzeiros, fazer a *Via Sacra*.

4.º — Os filhos devem acompanhar os seus pais, não praticando actos que possam escandalizar os fiéis ou ofender a Nosso Senhor.

† JOSÉ, Bispo de Leiria

ACÇÃO CATÓLICA

ESPÍRITO DE FÉ

Ninguém, sem fé, procurará com generosidade, que pode ir até o heroísmo, concorrer para que os seus irmãos tenham fé.

Mas põe-se aqui o problema doloroso: A fé é dom de Deus. Se não se possui, havendo assim a impossibilidade de se exercer um apostolado fecundo, haverá no facto sombra de responsabilidade?

Reconhece-se, com simplicidade, que há um mistério na fé, como há um mistério na descrença. Seria fácil, para demonstrá-lo, citar exemplos numerosos, até de observação comezinha.

Todavia, pode levantar-se um pouco o véu do mistério.

É verdade definida que Deus a ninguém recusa a *graça suficiente*.

Muito antes da definição da Igreja, já os teólogos ensinavam, em princípio que se tornou clássico e vulgarizado, que a todos aqueles que fazem o que está em suas mãos, Deus não recusa as suas graças.

Há, pois, razão de concluir que o homem pode muito, neste capítulo difícil e grave da sua vida interior.

O primeiro trabalho será eliminar tudo o que representa obstáculo à graça. É obra negativa, mas necessária — até por motivos de dignidade humana.

Muitos não têm fé, porque se lançam alucinadamente na vagem da paixão.

Outros não a possuem, porque insensatamente se prenderam a vãos preconceitos anti-religiosos.

Alguns não a vivem, porque não sentem coragem para cortar as fortes amarras do respeito humano.

As almas puras têm fome e sede de Deus. Luminosamente ensinou o Mestre Divino, no Sermão da Montanha, que são bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus. Ora, no conflito doloroso e trágico dos sentidos contra a razão e contra a luz, sucede, com frequência, serem os homens dominados pelo vício. É triste abdicação humana e religiosa. E, na medida em que se deixam vencer, afastam-se do Senhor.

(Continua na 1.ª página)

Peregrinação de Julho, 13

A peregrinação mensal de Julho findo ao Santuário da Cova da Iria foi relativamente pouco numerosa, não obstante o tempo se ter apresentado magnífico. Os trabalhos agrícolas próprios da quadra estival, a proximidade da peregrinação diocesana de Leiria e a celebração do Sinodo da mesma diocese precisamente nesse dia, aniversário da dedicação da Sé Catedral, tornaram mais reduzido, como era de prever, o concurso de fiéis ao local das aparições.

Dois Prelados abrilhantaram com a sua presença a solene manifestação de fé e piedade em honra de Nossa Senhora da Fátima: o senhor Bispo Titular de Gurza e o senhor Bispo Coadjutor de Guadalupe (Martinica), de nacionalidade francesa, que fez de avião a viagem de Itália a Lisboa.

Realizou-se, na forma do costume, a procissão das velas que decorreu, como sempre, com or-

dem e gravidade, mostrando as pessoas que nela tomaram parte espírito de fé, devoção e recolhimento.

A este acto seguiu-se a adoração do Santíssimo Sacramento solenemente exposto no altar-mór provisório do interior da Basílica. Durou desde a meia-noite até às 3 horas da madrugada. A adoração nacional prègou o Rev. P.^o Vernocchi da Sociedade das Missões Portuguesas.

Celebrou a Missa da comunhão geral o rev. cónego dr. José Galamba de Oliveira, professor no Seminário de Leiria.

Ao meio dia oficial, no altar armado em frente do pórtico da Basílica começou a Missa dos doentes cujo celebrante, Sua Excelência Rev.^{ma} Mons. Le Gay, Coadjutor de Guadalupe, deu no fim a bênção eucarística a cada um dos doentes inscritos, que eram 64, e depois a todo o povo. Ao Evangelho fez a homilia Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. Bispo de Gurza,

que veio de propósito e a pedido do Sr. Bispo de Leiria presidir à peregrinação.

Antes de se iniciar a procissão final com a Imagem de Nossa Senhora da Fátima para a capelinha das aparições, os dois venerandos Prelados presentes benzeram os objectos religiosos apresentados para esse fim pelos peregrinos e deram em conjunto à multidão a bênção episcopal.

A diocese de Leiria está a preparar-se, com todo o zelo e entusiasmo, para a grande peregrinação de Agosto, comemorativa da restauração do Bispado, graça assinalada que coincidiu, por assim dizer, com a das aparições e foi juntamente com ela, a fonte de um sem número de benefícios de ordem espiritual e de ordem material para essa diocese que a Rainha do Céu marcou com o sinal da sua predilecção.

Visconde de Montelo

Palavras mansas

O ARROZ

Miudinho, branco e duro, para amolecer e avolumar na cozinha dos ricos e dos pobres. Saudosamente lembrado quando falta, benvindo para todos, quando reaparece, sem laivos de falsificação, honestamente.

O melhor vinha de longe, com um pouco do sol do Oriente, de terras conhecidas de Fernão Mendes Pinto, Francisco de Xavier e Camões. Arroz para rajás, brâmanes, mandarins, filhos do céu, comido sempre com agilidade e delicia. Imagina-se facilmente que nos jejuns nacionalistas de Ghandi uma das privações mais dolorosas deve ser a do arroz; e não é preciso estar em Tóquio para calcular a importância deste alimento basilar no sonho imperialista do Japão, tão desmedido e tão inquietador. Metal, carvão, petróleo, arrozais...

Mas já não vem até nós numa expansão mercantil acentuadamente bemfezida.

Estamos reduzidos à prata da casa, quero dizer ao nosso arroz, que por ser nosso, em horas perturbadas e incertas, deve ser o mais nutritivo e também o mais saboroso. Só não gosta dele quem se não habituou a ter, para o que der e vier, um paladar nacionalista.

Que dirão do arroz os cantares regionais? Devem celebrar a sua cultura laboriosa e o seu amor à água estagnada e dormente. A sementeira, a sacha, a monda, a rega, a colheita e a desgesca, tão parecida na alegria vivaz e rumorosa com as estufadas do Minho.

Seria interessante e grato ouvir esses cantares, se é que o pobre gente que trabalha na cultura do arroz sonha e canta... Passei há pouco por lá e era tudo silêncio.

Amigo fiel de sempre, o arroz aparecia em toda a parte — nos palácios, nas choupanas, nas feiras, nas romarias, nos hotéis, nas estalagens, nos banquetes, nas bodas e nas refeições da boa gente do campo, tomadas à mourisca sobre tapetes de relva. Era por isso que dum autor muito citado, dum pretendente infatigável, dum orador incontinentemente e dum jornalista exibicionista se dizia: toz lembrar o arroz, aparece em toda a parte.

Havia arroz para todos os estômagos e para todos os paladares: arroz branco, arroz de estrugido, arroz do forno, arroz doce... Tão apreciada era este último que Teixeira de Vasconcelos deu o título de Prato de arroz doce a um romance, que se

recomenda mais pelo estilo do que pela imaginação.

Amigo sempre fiel e, como tal incensivo. Dá-se confiadamente a velhos, doentes e crianças, como se fôsse com êle alguma coisa da própria bondade da terra...

Como se sente a sua falta, como se festeja o seu reaparecimento! A falta é repercussão da guerra, o reaparecimento é a esperança da paz...

O Bispo de Coimbra D. Manuel Correia de Bastos Pina foi um prelado grande na estatura e grande nas iniciativas e nas realizações.

Muito atento à palavra de Leão XIII instituiu no seu Seminário uma cadeira de Filosofia tomista, cuja regência foi entregue a Mgr. Tiago Sinibaldi, que foi durante anos um luminar da diocese de Coimbra. Fundou um bairro, à sombra duma capela, para operários católicos. Eco da *Rerum Novarum*.

Sob o alto patrocínio da rainha D. Amélia, sempre devota da caridade e da arte, empenhou-se desveladamente na restauração da Sé Velha. Com cuidados incessantes e pesquisas intermináveis, fundou também o museu de arte sacra, na Sé Nova, que mereceu ao próprio autor da Lei da Separação, uma atenciosa referência.

Por tudo o que fez a bem de Coimbra e do país, este Bispo devia ter a derradeira jazida numa arca tumular de recorte medieval, com uma estatua jocente, num recanto da Sé Velha.

Mas vamos ao que importa. Indo com olhos de ver para os seus visitas pastorais, D. Manuel Correia de Bastos Pina notou que, nas freguesias dadas à cultura do arroz, o povo tinha um ar enfermigo e uma compleição doentia. Havia febres que o quinino, tomado habitualmente, combatia.

Com entranhos de pai e de pastor, iniciou pois, em documentos officiais, na imprensa e até no parlamento uma vigorosa e impressionante campanha contra essa cultura insalubre, tão espalhada na sua diocese. No parlamento ainda lhe fizeram algumas daquelas promessas, que, à maneira da flor do lotus, em cem anos florescem apenas uma vez. Mas o caso ficou por

A cultura continuou, e ainda bem! Quem havia de dizer ao grande Prelado que esta guerra formidável havia de fazer subir, mais do que nunca, os créditos do arroz!

Correia Pinto

ACÇÃO CATÓLICA

(Continuação da 1.ª página)

Intelectualmente, talvez se viva numa densa atmosfera de idéias feitas contra Deus e contra a Igreja. Porque as escaladas são duras, não se reage contra tais idéias, que se advogam com calor. O preconceito entrou na alma e quasi se tornou sua parte integrante. Daí, negações absurdas e sombrias defecções.

Sucede ainda que, à nossa volta, há penetrantes olhares inquisidores. Se vamos à igreja, se corajosamente praticamos a nossa fé, surgirão críticas insidiosas, comentários escarninhos, desdenhosos sorrisos.

Talvez falte a coragem para seguir nobremente a lei ditada pela consciência pessoal, e ir-se-á a reboque da consciência, melhor, da inconsciência alheia. Este atentado, contra a própria dignidade, redundará em lamentável afastamento da fé.

Quantos não terão traído a sua vocação de apóstolos, por fraqueza dramática de vontade?

Para crer com decisão e com simplicidade, requerem-se a pureza de vida e a coragem do pensamento.

Se nos falta o espírito de fé, que nos fornaria apóstolos de coração generoso e de alma ardente, não seremos nós os responsáveis?

Faz sempre bem analisar com lealdade, perante a nossa consciência, os actos da nossa vida.

† MANUEL, Bispo de Helenópolis

Medalhas Religiosas

encontra-se à venda no Santuário da Fátima, toda a edição das preciosas medalhas religiosas assinadas, do escultor JOÃO DA SILVA

FÁTIMA E LISIEUX

Vivem ainda no Carmelo de Lisieux duas irmãs de sangue de Santa Teresa do Menino Jesus, uma das quais é ainda a Superiora dessa comunidade.

Por carta dela publicada no nosso prezado colega *A Defesa de Évora* sabemos que o dia 13 de Maio deste ano foi dia de festa especial para essa casa: era o 60.º aniversário da miraculosa cura de S.ª Teresinha operada por Nossa Senhora aos 10 anos de idade da Santa.

Por isso, como na carta dizia a veneranda velhinha Madre Inês, «o dia 13 de Maio é uma data privilegiada para Portugal e para a França». E para o mundo.

Livros e revistas recebidas na Redacção da «Voz da Fátima»

Confissão de Santo Agostinho — 2.ª edição, do «Apostolado da Imprensa», Porto.

Os Princípios e a Obra da Revolução — Secretariado da Propaganda Nacional.

Cabaz das Compras — (Calendário das cozinheiras) das edições «Voz» de Lisboa.

Manual Enciclopédico do Agricultor Português — da «Gazeta das Aldeias» — Porto.

Concordata e Acôrdo Missionário de 7 de Maio de 1940 — em óptima edição do Secretariado da Propaganda Nacional, 1943.

Calendário e Almanaque de Nossa Senhora da Fátima

Além do Calendário de Nossa Senhora da Fátima que vai entrar no seu quinto ano de publicação, sairá brevemente o Almanaque de Nossa Senhora da Fátima que consta de 164 páginas, é ilustrado com numerosas gravuras e inserta histórias edificantes, novelas moralizadoras, pequenos artigos sobre higiene, anedotas, charadas, etc.

O preço, quer do Calendário quer do Almanaque, é 1\$00. Pelo correio, enviando a importância em selos ou vale postal, 1\$30. A cobrança 2\$30. Quem requisitar 10 exemplares receberá um de graça. As requisições devem ser acompanhadas da respectiva importância. Dirigir-se à Administração da «Stella» — Cova da Iria (FÁTIMA), a partir de meados de Outubro próximo.

REMEDIO D.D.D.

A acção curativa e calmante do Remedio D. D. D. tem efeito immediato porque, sendo um liquido antiseptico penetra na pele — nos locais onde a afeição se manifesta.

Por este motivo o Remedio D. D. D. é de um valor inestimável para todos os casos de: Espinhas, erupções, furunculos, úlceras, varizes, eczema, mordeduras de insectos, comichão, feridas infectadas, e toda a variedade de doenças de pele.

A VENDA NAS FARMACIAS E DROGARIAS

Importante: Se preza a saúde e frescura da Pele, use um sabonete extrapuro, o sabonete D. D. D.



COMPRO

Tília, baga de zimbro, hortelã pimentada, erva doce, formigueira e outras plantas. Vale de S. António 75 — Lisboa

CORAÇÕES GENEROSOS

O coração da mulher é demasiado grande para limitar unicamente a sua dedicação à família, ao lar. Evidentemente que o marido e os filhos têm nelle o primeiro lugar, mas não conseguem occupá-lo completamente.

Um dia, alguém que o Senhor chamou para vós mais altos dizia-me num desabafo: «sim eu posso casar-me, ter portanto marido e muitos filhos, mas por muitos que eles sejam, serão ainda poucos para saciar a minha ansia de dedicação». Era um verdadeiro coração de mulher.

O amor dos pobres, dos infelizes, de todos os que sofrem, é um sentimento inato ao coração humano, mas é talvez mais espontâneo no coração feminino, porque a mulher é mais terna, mais delicada, mais fácil de comover: — no fundo do seu coração ha sempre qualquer coisa de maternal.

A sua voz é mais doce aos infelizes, o seu sorriso mais luminoso, a sua mão mais leve para pensar feridas. A sua passagem, a dor suaviza-se, os lamentos calam-se.

Há na Sagrada Escritura uma frase que constitui um dos seus mais belos elogios: Ubi non est mulier, ingemiscit egens. Onde não está a mulher, o pobre geme.

A mulher é a bondade irradiante e difusiva. Quando alguém deseja fundar uma grande obra de caridade, recorre à sua dedicação inesgotável. S. Vicente para converter os

pecadores, funda uma congregação de homens, mas quando quer socorrer os infelizes, dirige-se às Irmãs de Caridade.

Mas, infelizmente, tantas vezes a mulher dos nossos dias trai a missão de bondade que o Criador lhe destinou, deixando atrofiar o seu coração pelo egoísmo, e pela ansia de prazer! Em vez de pensar e se dedicar aos que sofrem física e moralmente à sua volta, entrosca-se em torno do seu pequenino eu, transformado em polo absorvente de toda a sua vida. E por isso o mundo é um mar de terríveis egoísmos que muitas vezes, directa ou indirectamente a mulher jomentou e alimentou.

Mulheres dos nossos dias, sobretudo mulheres cristãs, é tempo de acordar, é tempo de arripiar caminho, se não queremos ser das vilainas mais castigadas das tempestades que ajudamos a desencadear.

Para isso, peçamos a protecção de Maria Santíssima, contemplemos e imitemos o seu exemplo de bondade, de abnegação e sacrificio. Deixemos desenvolver no nosso coração o germe das virtudes que o Senhor atemeciu. Abramos sobretudo a nossa alma ao influxo da verdadeira caridade e aproximemo-nos, para os consolar, de todos os nossos irmãos a quem a dor visitou.

Moss

Nossa Senhora da Fátima na Itália

ROMA — Na Igreja Nacional de Santo António dos Portuguezes celebrou-se este ano com desusada concorrência o mês de Maria, havendo todos os dias uma prática relativa às Aparições de Nossa Senhora da Fátima.

No dia 13 de Maio a Igreja era pequena para conter o grande número de fiéis vindos ali de diversas paróquias de Roma, para honrar a Virgem Santíssima e implorar dEla a salvação e a paz.

No dia 31 a concorrência foi ainda muito maior, sobressaindo numerosos grupos de crianças vestidas de branco, que à Mãe do Céu quiseram renovar as suas promessas de uma vida immaculada, como a dos pastorinhos, Francisco e Jacinta, a quem Ela se dignou apparecer.

Momento solene, espectáculo encantador, quando o sacerdote, ao terminar a allocução, recitou de joelhos aos pés da branca imagem de Nossa Senhora da Fátima o acto de consagração ao Seu Coração Imaculado. Tinha-se a impressão que estávamos assistindo a uma das grandes manifestações da Cova da Iria, tanto era o fervor e o entusiasmo com que todos repetiam as palavras daquela Consagração.

Houve numerosíssimas comunhões, distribuíram-se muitos santinhos e pagelas com a novena a N.ª Senhora da Fátima, enquanto outros adquiriam o magnifico livro do Rev. P.ª Gonzaga da Fonseca: *As Maravilhas da Fátima*, volume de trezentas e tantas páginas, que já vai na nona edição, com mais de 150 mil exemplares!

A revista *Domenica Illustrata* publicou um segundo número especial com immensas gravuras todo dedicado a N.ª Senhora da Fátima.

Destes dois números venderam-se para cima de 500 mil exemplares! Números verdadeiramente astronómicos, não há que ver, mas que demonstram quão benéfica há-de ser a influência da devoção a N.ª Senhora da Fátima sobre tantos milhões de almas, que nesta hora de tão amargos sofrimentos só da Mãe de Deus esperam a salvação e a verdadeira paz.

No mês de Outubro, se Deus quiser, deve iniciar-se em Roma a publicação em lingua italiana de um jornalzinho intitulado *La Voce di Fatima*, destinado a avivar cada vez mais o fogo do entusiasmo por Nossa Senhora

da Fátima, mantendo os seus leitores ao corrente de quanto se passa na Cova da Iria e das graças que a Mãe do Céu vai espalhando também de um extremo ao outro da Itália.

As conferências com projecções luminosas multiplicam-se de dia para dia, não só em Roma, mas também pelo norte da Itália. Fazem um bem incalculável e são um dos melhores meios de propaganda.



SALDOS quasi de graça!!

durante a feira das Meias e Sedas!!

- Meias de seda fortes s/ feitos durante a feira 7\$40 e 6\$40
- Meias de seda gaze muito finas, durante a feira 11\$50 e 8\$90
- Meias de seda animal finissimas durante a feira 17\$50 e 14\$50
- Meias de linho c/costura 5\$40 e 4\$50
- Meias de linho muito finas e resistentes durante a feira 11\$50, 9\$50 e 8\$40
- Meias de linho autêntico, o que há de melhor, durante a feira 14\$50 e 12\$50
- Percalls florinhas para vestidos, bonitos padrões, durante a feira, m. 4\$30
- Tecidos finos, lindas ramagens para vestidos, laváveis, durante a feira, m. ... 7\$50
- Crepe georgete liso e tons finos, durante a feira desde metro 21\$00
- E muitas outras sedas baratissimas durante a feira. Peçam amostras grátis.

Provincia e Ilhas

Enviamos amostras e tudo contra-reembolso.

Armazem de revenda

A COMPETIDORA DAS MEIAS R. Arco Marquês do Alegrete, 39.1.º LISBOA

Graças de N.ª Senhora da Fátima

Produzir e Poupar

AVISO IMPORTANTE

Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.

De contrário não serão publicados.

NO CONTINENTE

D. Maria da C. Bracourt da Rocha Camargo, Lisboa, diz que Nossa Senhora de Fátima lhe salvou o seu neto João, de três anos de idade, que clinicamente estava perdido, por ter sido operado de apêndice já com a septicemia e peritonite declarada. Onça de reconhecimento, torna pública a sua gratidão a Mãe de Deus por esta tão insigne graça que lhe obteve.

D. Georgina Ramos Lopes, Azurara, tendo-lhe aparecido uma grave doença nos olhos, com risco de perder a vista, depois de vários tratamentos médicos sem resultado, recorreu, cheia de fé, a Nossa Senhora da Fátima, achando-se, dentro em pouco, completamente curada.

D. Alzira Augusta Vieira, Viseu, vem muito reconhecida agradecer a Nossa Senhora da Fátima, além de outras muitas graças, as seguintes:

1.) A cura de uma sua irmã que durante muitos anos sofreu duma úlcera no estômago e que foi curada por meio do uso da água milagrosa da Cova da Iria.

2.) A cura dum seu sobrinho e afilhado que aos três meses, aos seis e aos onze, esteve às portas da morte, encontrando-se presentemente cheio de vida e saúde.

D. Palmira Henriques Rebêlo, Pesequeiro, havia seis anos que se encontrava doente, indo sempre a pior; consultou o médico, que logo a mandou internar no hospital, onde prontamente foi operada dum tumor interno. Esteve três meses no hospital, tendo os médicos perdido as esperanças de que se curasse. Entretanto não cessava de chorar e de pedir a Nossa Senhora da Fátima que lhe conservasse a vida mais algum tempo, para ser amparo dos filhos ainda menores e para os livrar da justiça. Foi ouvida a sua prece; encontra-se completamente curada e vem por esta forma dizer o seu muito obrigado a Mãe de Deus.

Acácio Gomes Fernandes Dino, Cabeceiras de Basto, diz que a sua mulher adoecera com uma infecção que resistia a toda a medicina empregada; o organismo já nada reagia, provocando cada injeção um abcesso. O médico assistente declarou-a perdida, opinião que foi confirmada por uma junta médica. Cheio de amargura e aflição, recorreu a Nossa Senhora da Fátima, fazendo algumas promessas. Passados alguns dias, o enfermo, sem mais nenhum medicamento, estava completamente curado.

D. Isaura Maria Félix, Guimarães, sofria há treze anos duma doença grave. Foi-lhe declarada a necessidade de se submeter a uma operação melindrosa, que afinal não chegou a fazer, devido ao seu estado de fraqueza. Recorreu a Nossa Senhora da Fátima prometendo que mandaria celebrar uma missa em sua honra e tornar público o seu reconhecimento, no caso de ser atendida. Foi ao Santuário da Fátima; e aí, ao receber a bênção do Santíssimo Sacramento, encontrou-se melhor e assim continua. Cheia de reconhecimento agradece jubilosamente a Nossa Senhora.

D. Maria José Gonçalves, Vila Nova de Ourém, agradece a Nossa Senhora da Fátima a cura da sua amiga Irene Marques Vieira que havia muito tempo estava de cama sem esperanças já de se vir a levantar, dada a gravidade da doença. Recorreu a Nossa Senhora e foi atendida, pois a enferma recuperou a saúde.

Aurora Marques Gouveia, Campo de Besteiros, encontrando-se gravemente doente havia 3 anos e 4 meses e não conseguindo curar-se, ape-

sar de consultar abalizados clínicos de Viseu, Coimbra e Porto, recorreu a Nossa Senhora da Fátima em novenas continuadas durante nove meses e finalmente alcançou a sua cura, pelo que vem tornar público o seu reconhecimento a Virgem Santíssima.

D. Maria de Jesus Nogueira, Marco de Canavezes, diz: «Retida no leito durante um ano, atacada de dor ciática, sofri imenso. Depois de esgotados todos os recursos médicos, pois tomei injeções, banhos quentes e deixei-me submeter ao tratamento pela cauterização, foram-me tiradas pelo médico assistente as esperanças da cura. Aflição, não só pelas dores horríveis que sofria mas ainda mais por me ver no leito sem poder olhar pelos meus filhinhos, dirigime então para a Virgem Santíssima. Durante dias sucessivos bebi e dei gotas de água da Fátima na perna onde a dor se localizara. Passados dias, senti-me, de repente, curada. Posso ajudar o meu marido na luta da vida e tratar dos meus filhinhos. É esta grande graça que venho hoje agradecer à Virgem da Fátima».

NOS AÇORES

D. Maria Júlia de Azevedo, de Ribeira Sêca, agradece a Nossa Senhora da Fátima a cura extraordinária que lhe alcançou e que o atestado clínico declara.

Atestado

José Correia da Cunha Júnior, médico-cirurgião pela Faculdade de Medicina de Lisboa, atesto que Maria Júlia de Azevedo, casada, de setenta anos de idade, natural e residente na freguesia de Santiago (Ribeira Sêca), deste concelho, se encontra melhor quima grave contusão que a reteve no leito durante quatro meses e em cujo tratamento os meios humanos se não mostraram suficientemente eficazes. — E, por ser verdade e para os fins especiais a que a interessada destina o presente, mais se declara que apesar da sua avançada idade, se encontra curada e em condições de exercer a actividade domestica a que se entregava antes do accidente. Vila de Calheta, Ilha de S. Jorge, em 4 de Janeiro de 1943 (e três).
José Correia da Cunha.

D. Maria Heróilipa Amaral Andrade, de Madalena, diz: «Eu sofria, há já cinco anos, de fortes ataques de bronquite aguda, acompanhados de dispnéia e tão frequentes que passava dias e noites sem sossego e sem poder dormir! Consultei vários médicos, sendo o Ex.º sr. dr. Lopes Malo o último que me tratou. Apenas obtive uns pequenos alívios. Desanimada e numa ocasião em que me sentia muito aflição, recorri ao Céu, tomando uns golinhos de água do Santuário da Fátima. Qual não foi o meu espanto e júbilo ao reconhecer que já não tinha os grandes incómodos da terrível doença: nem falta de ar, nem tosse, nem sufocações! Nem acreditava em tal felicidade; mas hoje, volvidos já perto de três anos, estou na mesma disposição de bem-estar e portanto já não duvido da minha cura. Estou curada graças a Nossa Senhora da Fátima; e desejando que todos tenham conhecimento de mais este prodígio, rogo o favor de ser publicado na «Voz da Fátima», com todo o meu reconhecimento à Mãe do Céu».

Atestado

Abel Augusto Lopes Malo, doutor em medicina e cirurgia pela Universidade de Coimbra, facultativo municipal do concelho de Madalena, da Ilha do Pico, atesta pela sua honra que D. Maria Heróilipa Amaral Andrade, viúva, de 64 anos de idade, natural desta vila da Madalena, onde vive, teve há cinco anos uma bronquite aguda com dispnéia accentuada, cuja evolução se foi dando pátia a cronicidade, até há pouco mais de dois anos, em que ficou completamente curada. E por ser verdade e lhe ter sido verbalmente pedido, passa o presente, que vai datar e assinar, Madalena, 28 de Abril de 1943. O facultativo Abel Augusto Lopes Malo.

Agradecem graças obtidas por mediação de Nossa Senhora da Fátima:

- Manuel Francisco, Janqueira
- D. Beatriz Andrade Pereira, Porto
- D. Maria da Luz de Sousa, Maceira
- D. Maria Jose da Costa Rodrigues, Capareiros
- D. Emília de Sousa, Santo Tirso
- D. Maria Consuelo Leite, Guimarães
- D. Maria Silva Correia, Madeira
- D. Lidia B. Pereira, Lisboa
- D. Amélia Ferreira dos Santos, Vila da Feira
- D. Celeste Oliveira Neves, Ovar
- D. Júlia Soares Canas, Coimbra
- D. Engracia da Conceição Reis, Ferragudo
- D. Maria de Jesus, S. Simão, Pombal
- D. Maria Beimwa Magalhães Valente, Rezende
- D. Maria da Luz Cardoso, Madalena do Mar
- D. Maria Emilia Cirne, Telhadela
- D. Ana Carneiro Gomes, Famalicão
- Adão Pinho da Cruz, Val de Cambra
- D. Inocência de Vasconcelos Nogueira, Lourenço Marques
- D. Maria Teresa Simão, Moinhos
- D. Lucia de Sousa, Lisboa
- D. Maria Rosa de Sousa Castro, Gondomar
- D. Maria de Jeus Forte Carvalho, Angra
- F. Caldeira Didier, Evora
- D. Maria Rosa Didier, Evora
- D. Maria Fernanda Fragoso Martins Soares, Pocariga
- D. Inês de Matos Sequeira e Coelho, Pondá, India P.
- D. Maria da Gloria de Sousa Montenegro, Marco de Canavezes
- D. Idalina R. Rodrigues, Vinhais
- Manuel Pezaro Marto, Fátima
- D. Maria Aaeland Melo Goulart, Terra do Pão
- D. Leonor S. M. Medeiros, S. Miguel, Açores
- D. Laurinda Joaquina Gonçalves, Porto
- José Alves da Mota, Mondim de Basto
- D. Maria da Conceição Moreira, Castelo de Paiva
- Alberto Eduardo de Sousa — Porto
- D. Graziela Catarino Sequeira Estrela — Mação
- D. Laura de Sousa Ribeiro — Algés
- D. Agripina Valente Lima — Lisboa
- D. Aurora da Graça Mota — Vila Franca
- D. Carmen de Jesus Vieira de Carvalho — Braga
- D. Maria José Pereira Mayer — Pedrouços
- D. Maria Joana Ferreira — Castanheira de Ribatejo
- Fernando Gomes de Lacerda — Coimbra
- D. Sara Meneses Pereira — Fortaleza — Ceara — Brasil
- D. Raimunda Galignac Lima — Ibdem
- D. Maura Pereira Leite — Paraíba — Brasil
- D. Ida Soares Coelho — Fortaleza — Ceara — Brasil
- D. Emilia Porto — Ibdem
- D. Maria Inês Pereira Teixeira — Gaulla — Madeira
- D. Maria da Encarnação Furtado — S. Miguel — Açores
- Manuel de Sousa Sebastião — Ibdem
- D. Maria de Jesus L. da Silva — Paradelá
- D. Maria Jorge — Córvo — Açores
- D. Maria Orlanda Ferreira — Coimbra
- D. Virginia da Conceição Ribeiro — Setúbal
- D. Angela Macedo Noronha — Famalicão
- D. Emilia Brandão — Coimbra
- D. Estela da Luz Oliveira — Corte Preto
- Pedro Rodrigues Dias da Conceição — Viana do Castelo
- João da Fonseca — S. Miguel — Lousada
- D. Maria Furtado de Melo — Ceara — Brasil
- D. Júlia Ferreira da Silva — Porto
- D. Filomena Rosa de Sousa Pires — Lisboa
- D. Maria Rosa Soares — Matosinhos

Com o jornal aberto sobre os entretanto, não podia tirar, ao joelhos e as palavras, tantas vezes lidas e ouvidas, sob os olhos piscos, D. Juliana quedava-se imóvel havia um bom pedaço.

Produzir e poupar! Era bom de dizer e melhor ainda de lançar duma penada ao papel. Mas, o que não estava certo era que, dessa feita, o jornal acrescentasse:

— Todos podem e devem tomar parte na campanha salvadora do país. Não há ninguém que não possa fazer um pouco mais e dispender um pouco menos!

Não estava má essa! Então ela, que se prezava de ser uma excelente dona de casa, que poupara quanto podia, seria obrigada, em consciência, a alterar os seus hábitos?

Uma prega funda levantava-lhe e unia-lhe as sobranceiras, tornava-lhe os olhos ainda mais piscos. Estava decididamente de mau humor e foi num repelão e mastigando um «Apré! Que maçada!» que se pôs de pé e foi abrir a porta da rua cuja campanha vibrava timidamente.

— Quem é?...
— Sou eu, vizinha... Podemos falar um bocadinho?

— Bem sabe que nunca tenho tempo a perder... Não sou eu que preciso destes conselhos! Produzir e poupar! Que seca!...

E batia nervosa com as costas da mão direita no jornal que conservava na esquerda.

— Pois, por mim, respondeu humildemente a outra, parece-me que preciso, e por isso é que vinha cá incomodá-la...

A prega da fronte de D. Juliana, na impossibilidade de se afundar mais, multiplicou-se, dando-lhe ao rosto uma expressão que não podia classificar-se de menos que colérica. A vizinha era a pobre mulher dum calafate, com uma ninhada de miúdos sempre a gritar por pão: o incomodo não podia ser outro senão o da pedinchice.

Foi, contudo, a lembrança dos garotos — no fundo D. Juliana não era má de todo — que a levou a abrandar o gesto e a voz:

— Diga então lá o que quer, sr.ª Emilia!

— É que, como a vizinha de certo sabe, o meu homem faz uns brinquedos ao serão que o meu Quim e o meu Zé vendem pelas ruas e nas feiras, quando as há nos arredores da cidade. Ora se eu tivesse um dinheirito que levasse em quinquilharia para levar também às feiras... Dizem que agora se vende tudo...

— Mas como não tem! — atalhou vivamente D. Juliana. A outra, porém, não se acobardou!

— Por isso mesmo é que vinha ver se a vizinha fazia a grande caridade de me emprestar...

— Pois bateu a má porta! Quem empresta não melhora! Sempre o ouvi dizer, sr.ª Emilia! E dê-me licença que tenho de ir ver do almôço. A criada foi à terra e «cheira-me» a que já não volta.

— Então desculpe, vizinha, e se precisar que a minha Zefa lhe venha cá dar umas voltas... Ela não é desajetadita...
— Obrigada!

Fechada a porta, D. Juliana respirou fundo, como quem se vê livre dum importuno; mas o dia, tão longo, tão monótono e solitário, havia de passar sem que ela conseguisse libertar-se da importuna consciência...

«Sim, poupara quanto podia, tinha dinheiro a render e, num pequeno cofre dentro do guarda-vestidos ainda uns contitos de réis. Que fazia all aquele dinheirito?... Não era desacertado ter uma certa quantia à mão para qualquer emergência, mas,

A noite é, freqüentemente, o reflexo do dia como a morte é o reflexo da vida; vida boa, morte santa; vida má, morte desgraçada... D. Juliana passou uma noite péssima. Sonhou com ladrões e o roubo do precioso cofre; sonhou que estava muito doente, quasi a morrer, e sem ter quem lhe acudisse. O seu feltio independente nunca lhe consentira que se acomodasse a viver com pessoa de familia ou amizade; as criadas sucediam-se quasi de mês a mês...

A pobre senhora rica levantou-se, pois, pior do que se daltara. Enfiou os chinelos e o roupão e dirigiu-se à cozinha que dava para as terras da banda da serra de Monsanto, a fim de respirar umas lufadas de ar puro. Obsecada, porém, pelo pensamento da vizinha Emilia, logo baixava o olhar para o pátio que pertencia à metade do rez-do-chão entulhada por tão numerosa familia.

O que lá iria por casa-nunca ela se atrevera a investigar, mas o pátio, era inegável que dava gosto com seus alegretes de alfices e nabicas, uma figueira e uma nespereira, caixotes armados em coelheira, uma galinha presa por uma perna, com sua ninhada em volta, roseiras pelas paredes, panelas velhas com cravos e cheiros...

E dali, como não volver os olhos em confronto para o jardim do primeiro andar que D. Juliana deixara inteiramente ao abandono porque as escadas a fatigavam. De área superior a três vezes o pobre pátio, com árvores de fruto e capoeiras embora desmanteladas, que não poderiam fazer dèle o honrado calafate, a mulher e os filhos?

Então um rasgo de generosidade dilatou-lhe o peito, enquanto que várias idéias mais ou menos luminosas se lhe atropelavam no cérebro. Era então certo que também poderia produzir alguma coisa! E, quanto a poupar... Ora! Os vizinhos se encarrregariam disso!

Começou por chamar a Zefa para lhe tratar do almôço e declarou-se encantada com os seus serviços.

A tardinha, mal o calafate regressava do trabalho, D. Juliana, sem o menor receio da escada, convidava tudo a acompanhá-la ao jardim onde os oferecimentos e os projectos deslumbravam aquela boa gente como se fosse uma sorte grande.

E a sra. Emilia que via sempre com o coração alanceado partir os dois filhos mais velhitos para a venda nas ruas e, principalmente, nas feiras, nunca mais pensou em quinquilharia. Pouco tempo depois, punha, na porta de serviço do prédio, uma vendazita de hortaliça, fruta e criação, na qual ia dando também saída aos bonecos pintalgados com que o marido se entretinha, agora só nos serões de inverno.

M. de F.

Imagens, estampas e todos os artigos religiosos: há sempre grande variedade na «União Gráfica».

Visado pela Censura

Crónica financeira

O ano agrícola que está a findar foi mau para o trigo, mau para o centeio, mau para o arroz, mau para a batata, mau para os milhos de seica. A data a que escrevemos estas linhas, está correndo bem para os milhos de rega e excelentemente para os vinhos. No conjunto, porém, será um ano agrícola mau, pois não dará o bastante para o sustento da nação. Aconselha o Governo, e muito bem, que a lavoura procure, onde isso é possível, corrigir a falta de batata da primeira colheita com uma segunda sementeira. É conselho excelente, e bem avisados andarão aqueles que procurarem tirar da terra tudo quanto ela possa dar para sustento da população.

É claro que ninguém trabalha para perder dinheiro, mas há sempre meio de ocupar as terras com culturas lucrativas. Já aqui temos dito várias vezes que a cultura das hortaliças tem sido, em toda a Europa, a fornecedora, se não do prato de resistência, pelo menos do prato abundante, de que se come o que se quer. Como a colheita da azeitona promete ser razoável, segundo dizem, poderá haver azeitona para todos e a preços razoáveis, e, em havendo azeitona, com um prato de hortaliça já se não morre de fome.

Se a colheita do vinho for abundante como promete, será de certo modo uma compensação para a falta de cereais, porque a experiência tem

mostrado que o trabalhador pode passar com menos pão, se beber mais vinho.

Quanto ao gado, deve haver muito no país, sobretudo gado bovino. Mas, atendendo à falta de milho, deve ser muito limitada a engorda dos porcos nas terras do país onde ela se faz com aquêle cereal.

Para corrigir a falta de carne, há o feijão, a ervilha, a fava, o grão de bico e os frutos semelhantes, isto é, que vêm de uma vagem. A estes legumes ch... os alemães carne vegetal, e por serem substitutos da carne é que, segundo dizem, na Alemanha ninguém cozinha ervilhas com ovos, por exemplo, porque dizem que é misturar carne com carne, ou seja gastar carne em demasia.

As gorduras que se tiram do porco é que não podem suprir-se com estes legumes, mas lá estará o azeite, e os não-lo der com fartura, para suprir a falta.

De novo repetimos aos lavradores que nos lêem que, agora mais do que nunca, toda a gente de contar consigo mesmo. Portanto, nas terras em que tenha havido pouco milho e a colheita do azeite se mantenha prometedora, será desperdício gastar muito milho com a ceva dos suínos, porque lá estará o azeite para fornecer as gorduras, e sem o pãozinho ninguém pode passar.

Pacheco de Amorim

Beato Nuno de Santa Maria Santo Condestável

por Zuzarte de Mendonça

Importa insistir neste ponto: é indubitável que o culto religioso de Nun'Alvares, Herói e Santo, não aquece ainda, e infelizmente, a alma do nosso povo, como seria de desejar. Porquê? Decerto por não se haver ainda falado convenientemente — e insistentemente — das virtudes e serviços do Condestável, das graças que, em melhores tempos, por sua intercessão se obtiveram e ainda das que em nossos dias se alcançam.

O grande público não sabe quanto a Pátria lhe deve. Os pobres e amargurados ignoram quanto carinho elle lhes dispensou em vida, quantos serviços lhes prestou, como foi ardente, verdadeiramente cristã a sua caridade. O povo simples e rude das aldeias não ouve falar d'elle. Não vê nos templos a sua imagem, não é convidado a celebrar a sua festa, a agradecer as suas mercês, a recorrer ao seu valimento junto do Senhor e da Virgem, nas horas de tribulação ou para render-lhe acções de graças por benefícios implorados e recebidos. Bem pode dizer-se que a propaganda condestabariana se encontra em fase inicial, não obstante nos últimos tempos almas generosas e agradecidas haverem procurado reabrir a alma nacional a esse culto, tão justo e necessário, imperativo categórico da nossa consciência de católicos e patriotas. Não tem sido vão esse esforço, mercê de Deus.

O nosso Venerando Episcopado dá exemplo, e não se há poupado a recomendar a todos os sinceros crentes que vejam em Nun'Alvares, agora beatificado, o Santo Condestável, admirando e imitando suas virtudes, coplando-o na sua vida exemplar e não deixando de empenhar-se pela sua rápida canonização.

Mas é indispensável que a voz autorizada dos nossos Bispos seja ouvida por todos, por todos acatada e que, num futuro próximo, não haja um só português, digno deste nome, que não conheça, não admire, não ame o Santo Carmelita, que

na sua juventude se bateu, bravo dos bravos, pela honra e independência da Pátria, salvando-a, glorificando-a e permitindo a constituição do mais belo Império.

O Conselho da «Ala do Santo Condestável», no cumprimento da missão que se impôs, com apreço e aplauso de Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca, pede licença para recomendar a todos os Reverendos párocos do país a difusão e intensificação do culto do Beato Nuno, e lembra a conveniência de celebrar-se a data do seu nascimento no domingo seguinte ao dia de S. João e a assinalada vitória de Aljubarrota no dia memorável de 14 de Agosto.

Onde as solenidades não possam realizar-se, com brilho, que ao evangelho da Santa Missa se recorde sentidamente aos fiéis a vida, os feitos, as virtudes de Nun'Alvares, e o dever de todos nós o amarmos e seguirmos o seu exemplo.

PALAVRAS DE UM MÉDICO

(2.ª Série)

XXXV

MAUS INSTINTOS

Há no Minho uma pequena freguesia tão atrasada, que não recebe um único jornal diário.

A população, quasi toda empregada em empresas industriais, conhece as notícias da guerra através de um aparelho de rádio, que as buzina, noite e dia, numa taberna do sítio.

Está convencido aquêlo povo que a humanidade ficará libertada depois da guerra e que nunca mais haverá fome nem miséria, depois que os ricos sejam todos chacinados.

Uma inveja feroz e ódio sem limites obscurecem o entendimento daquela pobre gente, que, de maneira ingrata, tem especial embriagação pelos proprietários da terra que lhes dá de comer. Tudo exigem dos lavradores e nada lhes dão. Até recusam o trabalho do campo, pois que a fábrica os remunera melhor, com muito menos horas de serviço.

A inquietação do inconsciente Minhoto pode levá-lo a grandes desvarios e parece-me prudente tomar conhecimento do facto e procurar remediar a tempo um grande mal.

Há dias foi assaltada, por arrombamento, a casa de uma honesta família, que está ausente a maior parte do ano.

Não podia haver a menor suspeita de acambramento de géneros, pois que tal família, como todos sabem, cumpre rigorosamente as leis corporativas.

Entre outras coisas, levaram os gatunos: quilo e meio de açúcar, que estava ignominiosamente açambarcado na sala de jantar; uma garrafa de vinho do Pôrto; cinco cobertores da Serra e mais roupa de cama, tão necessária para resguardar os pobres do frio neste gelado verão; um rico serviço metálico para chá, que parecia quasi de prata...

É verdade: também os gatunos levaram dois relógios. Ainda bem!

Deste modo, poderão ver chegar a hora do arrependimento e da vergonha...

J. A. Pires de Lima

A «Stella» e a Diocese de Leiria

O número especial de Outubro (e não de Agosto) da revista «STELLA», é dedicado à comemoração das bodas de prata da restauração da Diocese de Leiria.

Preço de cada exemplar 2\$50. Pelo correio, 2\$80.

A venda na Casa de Nossa Senhora das Dores — Cova da Iria — (Fátima), no Santuário da Fátima e na «Gráfica», de Leiria, a partir do meado de Outubro próximo.

CONVERSANDO

Eqüidade na produção e distribuição de subsistências

Eis um assunto que é da maior urgência e merece especiais cuidados de atenção no momento que passa.

O que dissemos dos salários no último número da *Voz da Fátima* já foi, em determinada medida, uma forma de o tratar; mas circunstâncias supervenientes apareceram agora a impô-lo na sua generalidade à nossa consideração.

A Guerra, que a todos vem afligindo e que o Santo Padre declarou ser a maior desde o começo do mundo, deu recentemente um novo solavanco de maior fragor e extensão, mais dificultando, senão impossibilitando, as relações com os mercados externos; por outro lado, o ano agrícola, no País, pela prolongada estiagem, não correu bem; além disto, muitas subsistências, a que estávamos habituados, vão faltar...

O Governo, que está em situação de melhor ver, já de tudo isto preveniu a Nação, chamando-nos a uma colaboração mais íntima com ele.

Diante da catástrofe dum mundo em guerra sentem-se e presentem-se assim faltas que só com o concurso e boa vontade de todos poderão ser supridas.

Estão neste caso as que se referem especialmente às subsistências.

É certo que muito se tem providenciado, em tal matéria, por parte de vários organismos do Estado, grêmios, sindicatos, corpos administrativos e instituições de previdência.

Mas não é tudo o que importa, pois que, desses serviços, aqui ou ali, uns têm deficiências ou hesitações próprias da sua mais recente criação; outros, embora de provada estrutura, emperram pela incompreensão de quem acidentalmente os ocupa; todos, porém, se ressentem da anormalidade que a actual conflagração vem provocando.

A Guerra, que nos ronda em volta, é total; total tem de ser também a reacção contra os seus efeitos ou repercussões.

A par das iniciativas oficiais e conjugando-se com elas, é de boa razão e de eficaz socorro que a população do País, num espírito de forte solidariedade, se movimenta para o máximo atingível de produção de subsistências, visto que se torna quasi impossível, na quantidade precisa, obtê-las de fora, e que da produção efectuada se diligencie fazer uma equitativa distribuição.

Trata-se de um decidido movimento de salvação pública! Para que bem vingue, de desejar é que se desenvolva em referência a cada Concelho e em volta da respectiva Câmara. Em todas as grandes crises e calamidades da Pátria foi da circumscrição municipal que partiu sempre o impulso mais forte das necessárias reacções sociais.

Não estejamos à espera uns dos outros; actuemos para já com sugestões e exemplos.

Quem tenha terras, cultive-as a todo o custo; quem tenha comércio,

mova-o para que as subsistências não falem e cheguem a todos; quem tenha industria, exerça-a para que não escasseiem empregos.

Ninguém pense em margens para ambição de lucros, para sobrepor grupos a grupos, ou para pretextos de dissídios ou represálias.

A hora, a que chegamos, é de excepcional gravidade; é a hora das profundas virtudes cristãs.

A bem duma economia adequada, parece de seguir-se a prática de dificultar a exportação de produtos de qualquer concelho sem que primeiro se assegure o abastecimento próprio e que a agricultura se consagre de preferência à produção de géneros alimentares.

Para a importação do que falte à vida de cada concelho está naturalmente indicada a organização duma ou outra cooperativa de consumo na sua forma mais simples, como foi útilmente experimentado em alguns concelhos durante a guerra de 1914-1918.

Uma revista do Instituto Internacional do Trabalho, agora publicada que anda ligada à Sociedade das Nações, mostrando a conveniência da sua utilização na presente conjuntura, lembra que, só no Continente da Europa, as organizações que se ocupam da distribuição dos produtos alimentares contavam, em 1935, 50 milhões de sócios, quasi todos chefes de família, e atingiam uma cifra anual de vendas de cerca de 300 milhões de libras.

Isto em tempo de paz; que de benefícios, porém, nos apertos da Guerra!

15 de Julho

A. Lino Neto

Voz da Fátima

DESPEAS

Transporte...	2.757.291\$14
Papel, comp. impr. do n.º 250	23.661\$30
Franquias, Embalagem, Transporte do n.º 250	6.290\$91
Na Administração...	300\$00

Total ... 2.787.543\$35

Donativos desde 1\$500

D. Inês de Matos Sequeira e Coelho — Índia, 60\$00; António de Barros — Chaves, 20\$00; D. Felícia Cristovão — Trancoso, 400\$00; António Andrade — América, 110\$00; Manuel Lourenço — Poço Barreto, 50\$00; José Moreira Lopes — Poço de Sousa, 20\$00; D. Emilia Crespo — Monte Novo, 21\$00; D. M.ª da C. B. da Rocha Camargo — Lisboa, 40\$00; P.º Manuel Pinheiro — Castelo de Paiva, 25\$00; D. Arminda Graciete Silva — Espinho, 20\$00; D. Maria do Carmo P. Machado — Lisboa, 20\$00; D. Joana de Faure Costa Branco — V. N. de Oliveirinha, 20\$00; Joaquim Baptista Leite — S. Paulo, 20\$00; Jorge Varela — Tua, 20\$00; D. Maria de S. Sousa — Bermuda, 60\$00; José Marques Gerales — Cazegas, 30\$00.

TIRAGEM DA «VOZ DA FATIMA»

NO MÊS DE JULHO

Algarve	7.213
Angra	20.026
Aveiro	9.277
Beja	6.235
Bragança	78.119
Bragança	12.986
Coimbra	14.882
Évora	4.830
Funchal	13.786
Guarda	18.499
Lamego	12.775
Leiria	14.868
Lisboa	14.943
Portalegre	13.466
Pôrto	53.507
Vila Real	25.237
Viseu	10.604

331.253

Estrangeiro	3.702
Diversos	13.875

348.830



FATIMA — Um aspecto do novo hospital em construção